

# DRAPETOMANIA - Diagnóstico Controverso do passado

Autores: Joana Bravo\*, Cláudia Gonçalves da Silva\*, Francisco Lima Buta\*\*

\* Médica Interna de formação específica de Psiquiatria Hospital de Vila Franca de Xira

\*\* Assistente Hospitalar de Psiquiatria Hospital de Vila Franca de Xira

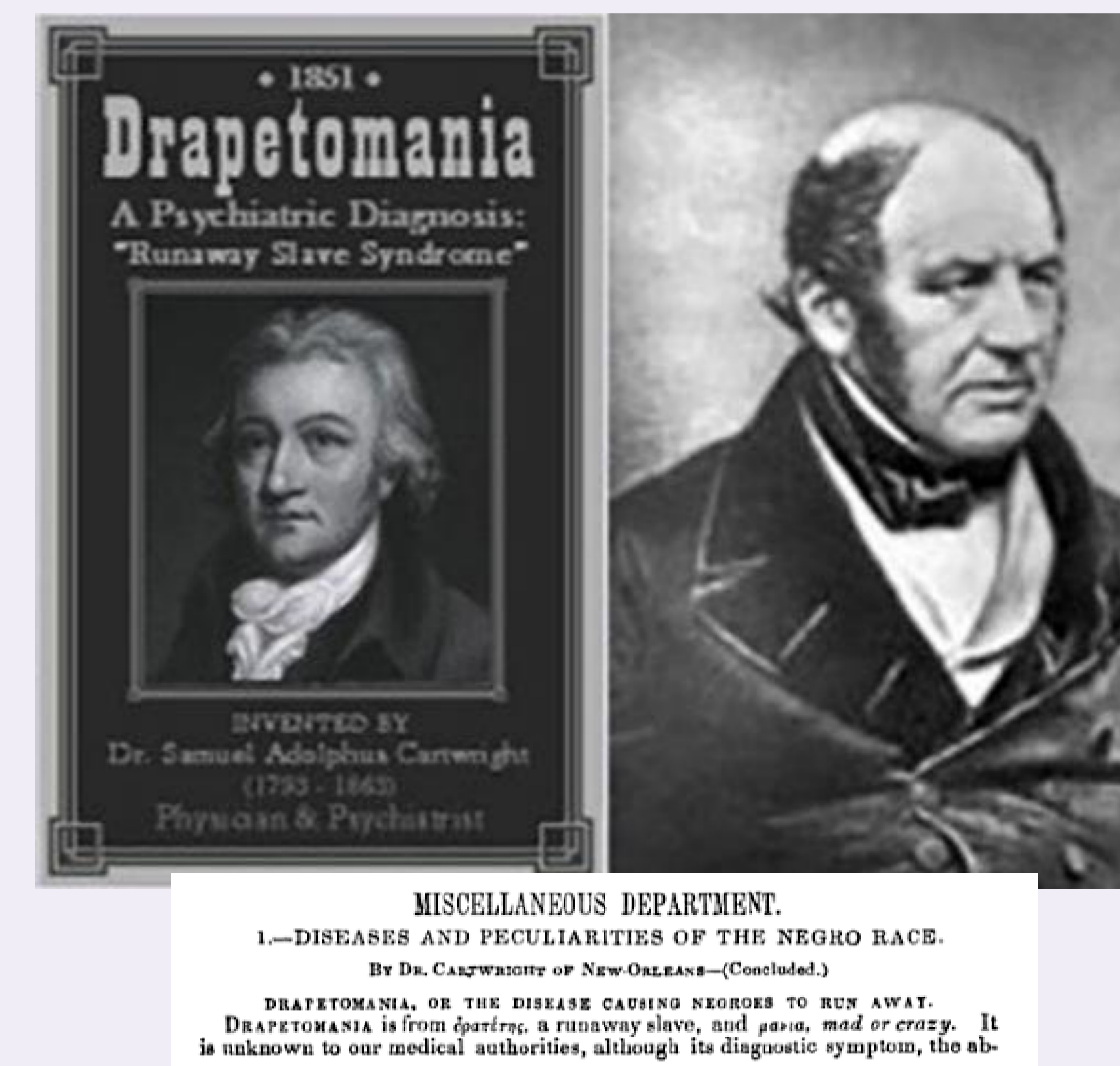
## CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

Em 1851, nos Estados Unidos, no contexto da época pré-Guerra Civil, Samuel A. Cartwright, um médico a exercer no sul do país americano, conjectura o diagnóstico psiquiátrico de Drapetomania, uma doença mental que tentava explicar a razão porque os denominados “escravos” africanos fugiam da sua condição à procura de liberdade.

No período pré-guerra, os sulistas, procuravam “provas científicas” para argumentar a favor de uma inferioridade racial das pessoas negras e contra as reivindicações dos direitos humanos dos abolicionistas.

Publicou o seu ensaio “Report on the Diseases and Physical Peculiarities of the Negro Race”, em maio de 1851 na prestigiosa revista médica da época New Orleans Medical and Surgical Journal, no qual examina as supostas características, físicas e mentais intrínsecas, do grupo, que os condicionariam biologicamente a uma posição inferior aos indivíduos caucasianos e onde retrata a condição de escravatura como uma necessidade terapêutica. Posteriormente o seu trabalho foi novamente publicado na revista DeBow's Review e discutido em reuniões clínicas.

O autor descreveu dois “diagnósticos psiquiátricos”, o de “Drapetomania” e “Dysaesthesia Aethiopica”.



## DIAGNÓSTICOS E QUADROS CLÍNICOS

### DRAPETOMANIA



A origem do termo drapetomania, ou “mania da fuga” provém do grego “drapetes”, ou seja, fugitivo ou escravo, e “mania”, ou loucura).

A sua hipótese diagnóstica centra-se na crença de que esse papel de submissão por parte da população negra constituía a vontade de Deus e a normal ordem social, pelo que o seu não cumprimento teria por base um processo patológico da mente.

Os denominados escravos deveriam ser mantidos em estado submisso e tratados como crianças, com “cuidado, bondade, atenção e humanidade para impedir e curá-los de fugir”. Se, no entanto, ficassem insatisfeitos com sua condição, o tratamento indicado seria com açoites para impedir que fugissem.

### DYSAETHESIA AETHIOPICA

A *Dysaesthesia aethiopica*, constituiria uma disestesia, ou seja, uma alteração da sensibilidade a nível das faculdades mentais e do corpo. Foi proposta como uma explicação para a falta de vontade de trabalhar e sonolência percebida nos trabalhadores das plantações, sendo que seria encontrada exclusivamente na população negra. Outro sintoma, que estaria sempre presente, seriam lesões visíveis na pele. Dada sua “fisiopatologia” era “curada” com unguentos sobre a pele, seguidos de açoite, para estimular a sensibilidade cutânea. Quase o mesmo tratamento era proposto para a drapetomania.

Segundo Cartwright, a disestesia aethiopica era “*muito mais prevalente entre negros livres que vivem em grupos, do que entre escravos nas nossas plantações, e ataca apenas escravos que vivem como negros livres no que toca à dieta, bebidas, exercício, etc. (...) quase todos os negros livres sofrem disso, por não terem uma pessoa branca para os dirigir e cuidar deles*”.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O trabalho de Cartwright foi desenvolvido no período pré-guerra, onde era comum a procura por “provas científicas” que justificassem a desigualdade biológica racial.

A hipótese diagnóstica do conceito de Drapetomania centra-se na crença de que esse papel de submissão por parte da população negra constituía a vontade de Deus e a normal ordem social, pelo que o seu não cumprimento, ou seja, um comportamento desviante ao que seria desejado e esperado, teria por base um processo patológico da mente.

Thomas Szasz, no seu trabalho de 1971 “The Sane Slave”, chama a atenção para a invocação por parte de Cartwright da ciência da medicina e da sua posição como presidente de um comité apontada pela Medical Association of Louisiana, para a justificação da desumanização dos indivíduos negros e justificação do regime da escravatura. A liberdade para Cartwright seria benéfica para o Homem branco, mas prejudicial para a felicidade do Homem negro. Chama a atenção também para a elaboração e atribuição deste diagnóstico como forma de controlo social numa época marcada pelo racismo.

Não deve ser esquecido, porém, que a prática médica não está desvinculada do contexto social e cultural da época em que se encontra. No caso particular da Psiquiatria, esta está particularmente permeável a este contexto, devido à sua subjectividade intrínseca.

### REFERÊNCIAS:

1 - Cartwright, S. (2019) Africans in America/Part 4/Diseases and Peculiarities'. Pbs.org. Available at: <https://www.pbs.org/wgbh/aia/part4/4h3106t.html> ; 2 - Szasz, T.S. (1971) 'The sane slave', American Journal of Psychotherapy, 25(2), pp. 228-239. doi:10.1176/appi.psychotherapy.1971.25.2.228. ; 3 - Bynum, B. (2000) 'Discarded Diagnoses', The Lancet, 356(9241), p. 1615. Available at: [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(05\)74468-8](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(05)74468-8) ; 4 - Hektoen International - an Online Medical Humanities Journal (2022) 'Drapetomania: A "disease" that never was - Hektoen International', 6 October. Available at: <https://hekint.org/2022/10/06/drapetomania-a-disease-that-never-was/>.